



e-Working Paper N.º 8/2012

**Género e Saída de Casa dos Pais
Percurso de autonomia habitacional por diferentes camadas analíticas**

Magda Nico

Género e Saída de Casa dos Pais

Percursos de autonomia habitacional por diferentes camadas analíticas

Magda Nico

Investigadora de Pós-Doutoramento
Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
(CIES-IUL), Lisboa, Portugal
magda.nico@iscte.pt

Resumo

O período de transição para a vida adulta é o mais *genderizado* de todo os que compõem o percurso de vida (Kimmel, 2008). Numa pesquisa desenvolvida em torno das transições para a vida adulta e da saída de casa dos pais na Europa e no caso Português, a importância dos efeitos de género destacou-se entre os restantes, e fê-lo de forma transversal às várias camadas analíticas do processo de saída de casa e às várias escalas de observação (entre os países, entre as unidades geracionais e ao longo do tempo individual) sublinhando a perentória afirmação de Kimmel (2008). Uma abordagem metodologicamente plural permitiu então analisar os efeitos de género no processo de saída de casa dos pais nas suas várias *camadas analíticas*: a idade média de saída, o lugar desta autonomia na sequência de outras transições para a vida adulta e a sincronização da trajetória habitacional com a profissional e com a conjugal. Esta abordagem plural permitiu identificar importantes processos de convergência de género ao longo do século XX nos cursos de vida na Europa (Widmer e Ritschard, 2009, Liefbroer e Elzinga: 2010) mas também processos de emergência de uma “individualização especificamente feminina” (Thomson, 2009).

Palavras-chave: Transições para a vida adulta, Género, Saída de casa, Portugal, Europa

Introdução

Os efeitos de género nas transições para a vida adulta foram dos que mais se destacaram, entre as outras variáveis de natureza estrutural consideradas, de um projeto de investigação, mais lato, interessado em conhecer o que a transição para a vida adulta em geral, e a autonomização habitacional em particular, dizem sobre as mudanças, a complexidade e as continuidades dos processos de construção das biografias individuais na contemporaneidade em Portugal e na Europa (Nico, 2011).

A especificidade desta investigação assentou (i) no objecto de estudo, (ii) na abordagem analítica e (iii) no desenho, metodologicamente plural, de pesquisa. (i) Assim, em primeiro lugar, é de referir que as transições para a vida adulta são um objecto de estudo em constante renovação e particularmente susceptíveis às mudanças sociais rápidas que têm ocorrido em Portugal nas últimas décadas. Enquanto objecto de estudo, é também particularmente vulnerável às viragens biográficas nas ciências sociais, à teoria da individualização, às comparações entre países, etc.. Tentando combater alguns dos exageros causados por esta vulnerabilidade, esta pesquisa distinguiu-se da sociologia da juventude mais clássica ao fazer não dos jovens mas sim das transições para a vida adulta (dos indivíduos atualmente jovens, ou não) o principal objecto de estudo (pelo menos quando os dados o permitem fazer já que a componente qualitativa desta pesquisa foi desenvolvida apenas com os *jovens adultos de hoje*). Desta forma, e sempre que os dados o permitiram, abordou-se o tema das transições do ponto de vista das comparações geracionais, dedicando simultaneamente atenção àquilo que alguns autores chamam de “anomalias históricas” (Furlong e Cartmel, 2007 [1997]: 56; Fussell e Furstenberg, 2005: 59; Côté, 2000: 28; Mitchell, 2007 [2006]: 8, entre outros), especialmente no que toca à saída de casa dos pais, a esfera mais esquecida e mal entendida de todas as esferas de transição para a vida adulta (Kurz e Blossfeld, 2004).

(ii) Além desta especificidade da pesquisa, procedeu-se igualmente à decomposição das várias componentes das mudanças biográficas na contemporaneidade, que tendem a ser frequentemente abordadas “em pacote” ou “em bloco”. Desta modo, todas as mudanças do curso de vida como a “desinstitucionalização”, a “desestandardização”, a “pluralização”, a “diferenciação”, etc. são tratadas como sinónimos, ou como se todas evoluíssem ao mesmo ritmo, na mesma direção e com a mesma intensidade independentemente das características sociais e coordenadas geográficas dos indivíduos (como chamam a atenção Brückner e Mayer, 2004). Numa crítica a esta abordagem, a análise de várias componentes contemporâneas, ou camadas analíticas do curso de vida, fez-se separadamente e mais especificamente centrando-se na idade média de saída de casa dos pais, no lugar sequencial que esta transição ocupa face às restantes e na sincronização da trajetórias habitacional com as trajetórias conjugal e profissional.¹

(iii) Concomitantemente, pretendeu-se evitar a “falácia epistemológica da modernidade tardia” de que falam Furlong e Cartmel (2007 [1997]), caracterizada pelo excesso de contágio da teoria da individualização e das metodologias que a assistem; e uma espécie de falácia ou “ilusão cultural” que tende a exacerbar as diferenças entre os países, colocando a tónica em diferenças meramente culturais mesmo quando os dados não o permitem fazer, ou os que permitem poderão estar desatualizados (Nico, 2011, 2012). Por todos estes motivos, e seja do ponto de vista sócio-histórico ou individual, as questões de temporalidade e de cronologia das transições adquiriram uma enorme importância no desenho desta pesquisa e em cada uma das camadas analíticas consideradas.

O desenho metodológico desta pesquisa permitiu então avançar desde as questões melhor colocadas a uma escala macro e com dados quantitativos e representativos da população em estudo, como as que os dados do European Social Survey 2006 (e o módulo sobre organização do curso de vida) permitem colocar; para as que melhor se respondem ao nível da escala micro-sociológica e com dados

¹ O impacto dos *turning points* na reformulação e concretização dos projetos de saída de casa não será abordado neste *paper*, mas poderá ser consultado em Nico (2011) e em Nico (2012b).

qualitativos, ainda que respeitando critérios de temporalidade, seja em termos de organização, seja em termos de análise dos dados (e que nesta pesquisa correspondem a dados de fontes primárias). As respostas a *quando* ou *por que ordem* ocorrem os eventos de transição para a vida adulta e a de que forma *se sincronizam* entre si não foram, portanto, indiferentes ao tipo de metodologia desenhada para as encontrar. De uma forma geral, com os dados Europeus pôde analisar-se as “diferenças entre *coortes* ou gerações no que se refere ao *timing* e sequência e resultado das diferenças de estatuto ao longo do curso de vida (baseado em inquéritos longitudinais)” (Heinz, 2009: 4), enquanto que com os dados qualitativos pôde analisar-se o “equilíbrio entre a ação individual, a estrutura de oportunidades e a regulação institucional na construção de biografias (baseado em estudos de caso de biografias em diferentes contextos)” (Heinz, 2009: 4). O quadro seguinte sistematiza as diferentes fontes, janelas de observação, tamanho da “amostra”, âmbito, nível, técnicas, etc., entre estes dois blocos analíticos.

Quadro 1. Métodos, técnicas e dados utilizados

	Transições na Europa: perspectiva quantitativa	Transições em Portugal: perspectiva qualitativa
Fonte	Fonte secundária: European Social Survey 2006, especialmente o Módulo de “The Timing of Life: The Organisation of the Life Course in Europe”.	Fonte primária: entrevistas e preenchimento de fichas cronológicas dos eventos de transição e dos “turning points”.
Ano, N e Formato	2006, N= 43000, Base de dados em formato SPSS.	2009 (N=52 jovens adultos); Entrevistas transcritas total ou parcialmente; Fichas cronológicas mapeadas em Excel.
Âmbito, Nível e Técnica	Europeu, Macro e Extensiva.	Português, Micro e Intensiva.
Objectivo	Descritivo	Compreensivo
Unidades de Análise	(i) Países, (ii) coortes etárias e (iii) indivíduos.	(i) Jovens
Análise(s)	Análise estatística descritiva e de “event history analysis” dos dados referentes às transições para a vida adulta. Principais variáveis de controlo: idade/coortes etárias; sexo, grupo profissional, nível de escolaridade e países.	Análise de conteúdo holístico e vertical das entrevistas aos jovens, e de forma holística dos calendários de vida. Principais variáveis de controlo: sexo, grupo profissional, nível de escolaridade, classe social de origem, tipo de saída de casa dos pais.
Camadas analíticas	<i>Timing</i> e sequência dos acontecimentos	<i>Sincronização</i> da trajetórias

Saída de casa dos pais: processo estratificado socialmente

Leaving the parental home is a fascinating topic in social-scientific research because of its centrality in the transition from youth to adulthood, its implications for household formation and for housing demand, its diverse manifestations in different periods and different areas of western world and its intricate connection with parental resources, parental family structure, individual resources, the geographical opportunity structure, and values.

Clara H. Mulder (2009), *Leaving the Parental Home in Young adulthood*, pp. 208

São várias, mas consistentes ao longo do tempo, as variáveis independentes dadas como importantes para a explicação do processo e do *timing* da saída de casa dos pais. A literatura sobre o tema, no âmbito da demografia, dos estudos populacionais e da sociologia indica que a saída de casa dos pais é um processo estruturado socialmente, nomeadamente pela classe social de origem, estrutura familiar de origem, formato e destino de saída, transições escolares e profissionais e, claro está, o género. Embora o destaque deste artigo recaia sobre os efeitos de género, é de sublinhar o carácter de interdependência entre esta variável e outras de carácter estrutural. Este carácter de interdependência ficará, aliás, ao longo da análise desenvolvida neste paper.

Classe social de origem

A classe social é identificada como uma das mais importantes variáveis na explicação da variabilidade do fenómeno da saída de casa. Nas classes sociais mais desfavorecidas as transições habitacionais tendem a ser mais curtas, mais rápidas, mais irreversíveis e mais “biográfico-normais” no que se refere à conjugalidade (características, aliás, muitíssimo inter-relacionadas, segundo Iacovou, 2001). Os jovens das classes mais desfavorecidas têm menor tendência para sair de casa para unidades domésticas intermédias, nomeadamente para estudar (porque vão em menos proporção para o ensino superior e porque, quando o fazem, os recursos financeiros dos pais apenas permitem que se frequente uma universidade que permita manter a residência habitual dos pais, não saindo de casa) ou para constituir “famílias de escolha” e

constituir com elas um agregado amical intermédio. Assim, se se considerar todos os tipos de saída de casa, verifica-se que os jovens de classes sociais mais desfavorecidas, porque tendem a sair de casa dos pais pela primeira vez apenas para viver em conjugalidade, tendem a sair mais tarde do que os restantes (Heath e Cleaver, 2003: 59). Porém, se se considerar apenas a saída de casa dos pais por via da conjugalidade (e se comparar o que é comparável), verifica-se que quanto mais elevada a classe social, mais elevada a idade a que tal ocorre. Por outro lado, a saída de casa dos jovens de classes sociais mais desfavorecidas tende a ser mais permanente (Furlong e Cartmel, 2007: 61) e com muito menos regressos a casa depois da primeira saída (o que é uma característica da saída de casa pela conjugalidade em geral e não especificamente das classes mais desfavorecidas).

O capital monetário dos pais é igualmente importante para a definição do ritmo da carreira habitacional, na medida em que quanto maior é, mais os pais podem financiar a saída dos seus filhos, de preferência por via do investimento continuado na formação escolar (Furlong e Cartmel, 2007: 62-63) e no desinvestimento num casamento considerado “precoce” (Mulder 2009: 207). Em suma, os pais têm maior poder de escolha e de influência na saída de casa dos filhos: podem incentivá-los a ficar porque têm condições para isso e podem subsidiar-lhes a saída, por qualquer um dos motivos: escolar, conjugal ou de privacidade dos próprios pais (Iacovou, 2001: 20). Em suma, porque existe uma relação muito forte entre a classe social e a linearidade da biografia (habitacional também), os jovens de classes mais desfavorecidas tendem a levar um percurso mais linear (sem interrupções e regressos a casa) e rápido (Heath e Cleaver, 2003: 182).

Estrutura familiar de origem

O lugar de origem tem ainda importância por outro motivo. É consensual a importância da estrutura familiar, especialmente no que se refere às famílias monoparentais e sobretudo recompostas (Furlong e Cartmel, 2007: 62-63; Lobo, 2005: 18; Goldscheider e Goldscheider, 1999; Goldscheider, 2000: 5), no *timing*, ritmo e formato da saída de casa dos pais. Uma das mais consistentes conclusões é, portanto,

que os jovens pertencentes a famílias não tradicionais (nucleares) tendem a sair de casa mais cedo (Goldscheider e Goldscheider, 1999: 14, 72; Aquilino, 1991), especialmente no caso das raparigas.

O número elevado de irmãos é também um factor que acelera o processo de saída de casa dos pais (especialmente se são meios irmãos ou enteados da mãe ou pai como refere Aquilino, 1991: 1001-1002). Assim, o número de filhos por casal tem vindo a diminuir nas últimas décadas o que também tem contribuído para o aumento da idade média à primeira saída de casa (já que a tendência dos filhos únicos sempre foi ficarem mais tempo em casa dos pais) (Schoeni e Ross, 2005: 413).

Transições escolares e profissionais

As transições escolares influenciam o processo de saída de casa dos pais de duas formas. Uma, mais direta, tem a ver com o próprio destino da saída. Assim, a saída de casa dos pais por motivos relacionados com a frequência de ensino superior noutra área de residência que não a habitual faz baixar a idade na primeira saída mas aumentar a idade na “última” saída de casa dos pais, ao mesmo tempo que aumenta a probabilidade de regresso. Outra inferência, contrária, tem a ver com o adiamento da entrada no mercado de trabalho que tem efeitos no adiamento da entrada no mercado de habitação e na conquista de autonomia habitacional completa. Acresce que os jovens adultos estão particularmente vulneráveis aos efeitos da recessão e ao desemprego (Bradley, 2003 [1996]:18; Oliveira e Carvalho, 2010).

Formato e destino da saída

Uma das variáveis que mais explicações oferece face às diferenças de *timings* de saída de casa entre gerações e entre países é o destino ou formato de saída. O destino/formato da saída de casa tem mudado drasticamente ao longo do tempo, e têm vindo a emergir múltiplos formatos de saída de casa dos pais (Goldscheider e Goldscheider, 1999: 203; Heath e Cleaver 2003: 61; Jones 1995: 25; Guerrero, 2001: 54). Devido ao impacto que o mero destino da saída de casa tem no tipo de processos seguintes, alguns autores defendem mesmo que se estudem as primeiras saídas de

casa (colégio interno, serviço militar, serviço doméstico), e últimas saídas de casa, separadamente, como objetos de estudo diferentes (Bras e Kok, 2004: 422).

A saída de casa exclusivamente para estudar é um percurso relativamente recente, cuja especificidade tem merecido uma atenção especial por parte da academia. Esta especificidade baseia-se no facto deste tipo de saída ser, por natureza, vinculado a um projeto de curta duração, transicional e temporário, permitindo uma readaptação dos pais e filhos a uma relação à distância, mas também à manutenção de uma relação de poder e dependência (Heath e Cleaver, 2003: 55,71). Apesar de tudo, a saída de casa dos pais para o casamento, ou por motivos educacionais e/ou profissionais, continuam a ser mais legítimas e socialmente compreensíveis do que a saída de casa por ausência destes três motivos (Jones, 1995: 40).

O formato da saída, muito relacionado com o destino da saída, centra-se no tipo de ocupação da casa. Alguns autores encontram a distinção entre arrendamento e ocupação por proprietário na análise dos seus dados sobre heterogeneidade europeia (Iacovou, 2001, entre outros), outros aplicam *a priori* uma distinção que combina situação familiar com tipo de ocupação (por exemplo Mulder, 2003): arrendar sozinho, partilhar casa (não cônjuge, que tem pouca duração) e ser proprietário da casa (mais comum entre os casais ou indivíduos sozinhos), sublinhando a forte relação que existe entre “living arrangements” e “housing arrangements” (Mulder, 2003: 717).

Género

A interferência do género com o *timing* da saída de casa dos pais tem adquirido o estatuto de uma importantíssima distinção do ponto de vista histórico (Goldscheider e Goldscheider, 1999: 29). Aliás, classe social e género são os factores que mais influenciam os trajetos para fora de casa dos pais (Goldscheider e Goldscheider, 1999: 210). A interferência do género é, contudo, maior (e mais complexa) quando combinada com (ou mediada por) outras variáveis, do que *per se*. Embora muitos dos estudos refiram que a saída de casa dos pais acontece mais cedo na vida das raparigas do que na dos rapazes, a maior parte das explicações fica na ordem da especulação. Não há estudos a dedicar-se exclusivamente à variabilidade dos processos de saída de casa por género. São, além disso, percursos variáveis histórica e geograficamente. No

século XIX, por exemplo, as mulheres tendiam a sair mais cedo do que os homens, mas tendiam também mais frequentemente a não sair de casa dos pais. Especialmente em casos de viuvez feminina, as filhas eram incumbidas de ficar a cuidar das mães e tal dever moral era perfeitamente incompatível com o casamento e/ou com a saída de casa. Enquanto mulheres, não casariam porque não poderiam sequer permanecer em casa do agregado familiar de origem com os seus maridos. Mas no caso da viuvez masculina já podiam, culturalmente falando, fazê-lo (Derosas, 2004: 187-190). Por outro lado, enquanto as mulheres, depois de casadas, geralmente saíam de casa e iam viver para casa do agregado familiar do marido; os homens, mesmo quando casados, permaneceriam na casa do agregado familiar de origem, garantindo a força de trabalho, e acrescentando a da recém-esposa (Breschi e Manfredini, 2004: 228). O processo de eleição dos “designaters caregivers” (Hareven e Adams, 2004: 357) era, portanto, muito *genderizado*.

Atualmente são três os principais destinos na saída de casa dos pais: educacional, conjugal e individual. Em cada um destes há boas explicações para a média da idade na saída de casa ser mais baixa nas mulheres do que nos homens.

No percurso escolar, a maior (ou uma muito elevada) proporção de mulheres no ensino superior faz com que a idade média das mulheres na primeira saída de casa diminua mais do que as dos homens. Se se pensar que as mulheres, antes da entrada no ensino superior, tendem a reprovar menos vezes do que os homens, então esta idade média ainda é menos elevada.

Relativamente à saída por via da conjugalidade, a idade média menos elevada das mulheres (Cherlin, Scabini e Rossi, 1997: 573) explica-se pela diferença de idades no interior do casal (na medida em que sempre houve a tendência para os casais serem compostos por mulheres ligeiramente mais novas do que os homens) (Bozon, 1990). Em suma, a média de idade das mulheres é mais baixa porque as mulheres casam mais cedo do que os homens (Iacovou, 2001: 18). É possível, especialmente nos casos de mobilidade ascendente, que a relação conjugal seja menos penalizante em termos de responsabilidades domésticas do que a que se mantém a co-residir com os pais. E em termos do lazer e independência, terão mais a ganhar com a relação

conjugal (e com a saída de casa em geral) do que os homens (Furlong e Cartmel, 2007: 62-63).

Por fim, sair de casa para viver de forma independente é mais comum entre as mulheres porque têm mais tendência para aproveitar os “intervalos conjugais” para sair de casa e para evitar o controlo parental (Mitchell, 2007 [2006]: 80) e a participação nas tarefas domésticas que, apesar de diminuir com a idade, continua a ser mais forte com as raparigas do que com os rapazes. Jones e Wallace referem que um dos resultados das socializações de género e da divisão das tarefas na esfera doméstica, é que as mulheres aprendem mais rapidamente do que os homens a ser autónomas, estando mais bem preparadas para viver sem os pais, o que se reflete no tipo e ritmo de saída de casa (1992: 86-87, 107) .

O controlo parental é mais fraco no caso dos rapazes, o que faz com que a escolha de permanecer em casa dos pais seja, para eles, muito mais racional (Goldscheider e Goldscheider, 1999: 77). A liberdade sexual é também um dos aspectos em que o controlo parental mais se exerce. Por esse motivo, as mulheres tendem a ver mais vantagens do que os homens em sair de casa, sendo esta avaliação dos prós e dos contras ainda mais frequente no caso dos homens e das mulheres com orientação homossexual. Heath e Cleaver concluíram que estes jovens saem de casa mais cedo do que os seus pares heterossexuais, pela necessidade de “saírem do armário” (2003: 24-25). Estas autoras chamam a atenção, aliás, para uma lacuna de estudos desta natureza. Thomson também identifica o “coming out” como um importante ponto de viragem nos cursos das vidas dos jovens e na definição da relação com a família de origem (2007: 102).

O timing da saída de casa

A saída tardia dos jovens de casa dos pais tornou-se uma característica tão importante dos cursos de vida contemporâneos que alguns autores chegam mesmo a sugerir que esta se junte ao declínio da natalidade e ao aumento da esperança média de vida naquilo que chamam de “nova demografia” (Vaupel, 2000 e Kohler, 2000 *citado por* Billari, 2004: 16). Tal sucede do ponto de vista diacrónico. Mas do ponto de vista

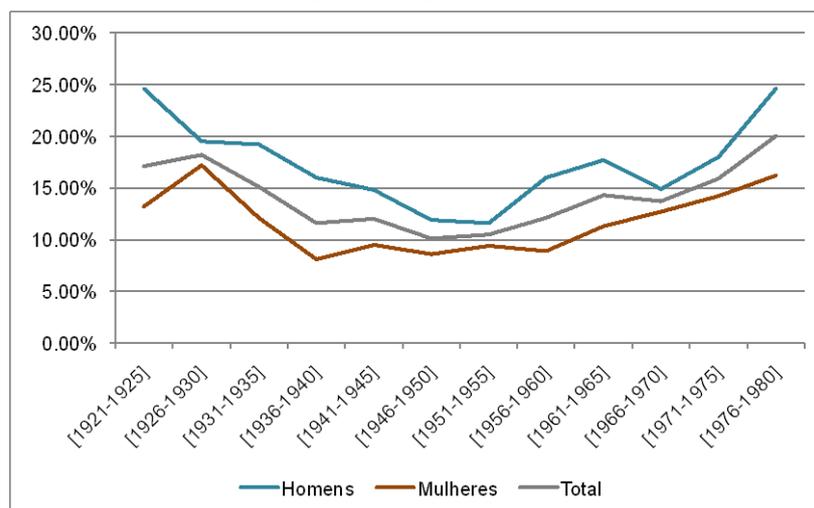
sincrónico, porém, as diferenças culturais, cujo efeito é de difícil medição, continuam a ofuscar grande parte das explicações sobre as diferenças de saída de casa dos pais (Nico, 2011, 2012). Alguns autores consideram estes casos bênção ou desafios analíticos (Billari, 2004). No entanto, estes poderão constituir-se como maldições políticas na medida em que colocam a responsabilidade destas tendências ao nível dos valores sociais, ao nível quase da escolha individual, desresponsabilizando factores mais estruturais e do nível das políticas públicas (Nico, 2011b).

Este interesse *temporal-centrista* na idade média de saída de casa dos pais dos jovens de hoje, e o conseqüente desinteresse por processos a longo prazo e por mudanças no curso de vida ao longo do século XX, são geralmente apontados como as principais causas para o desconhecimento ou falta de reconhecimento daquilo que alguns autores denominam como a “anomalia histórica” das transições para a vida adulta nos anos 60 e 70 (Furlong e Cartmel, 2007 [1997]: 56; Fussel e Furstenberg, 2005: 59; Côté, 2000: 28; Mitchell, 2007 [2006]: 8). Gillis propõe que a propósito desta apliquemos a analogia da ampulheta. Segunda esta, no início e no final do século XX, a distância temporal e causal entre as diferentes transições era grande, tendo diminuído em meados deste mesmo século, voltando atualmente a estender-se até à entrada no século XXI. Hareven (1994) refere que na primeira parte do século XX ocorreu um aumento na uniformidade da idade dos eventos transicionais em geral, e que nos que se referem à *adulterez* as transições se tornaram uniformes e ordeiras, voltando gradualmente a ficar menos rígidas no tempo na segunda metade do século XX (*citado por Côté, 2000: 27*).

De facto, esta é a primeira conclusão a ser retirada, ou a primeira verdade a ser repostada, acerca do *timing* de saída de casa dos pais: é que “a história do processo de sair de casa nos países industrializados não tem tido uma evolução linear” (em Mulder, 2009) e o passado europeu e norte-americano deste indicador está cheio de oscilações. De facto, esse alegado crescendo na idade a que os jovens saem de casa dos pais é claramente evidente quando se considera apenas a segunda metade do século XX, altura em que se registou, no que se refere à velocidade e co-ocorrência dos acontecimentos transicionais.

No gráfico seguinte podemos confirmar empiricamente este “efeito ampolheta” de que fala Gillis. A tendência mais relevante observada, apenas visível numa análise de longo prazo, é a de um decréscimo de jovens adultos a não terem saído de casa dos pais aos 30 anos, entre 1920 e 1935. Os nascidos aproximadamente entre 1935 e 1950 atravessaram os seus 20 anos enquanto decorriam os “30 gloriosos” anos de crescimento económico e de expansão do Estado providência. Esta expansão económica tende a aumentar o ritmo da transição para a vida adulta, a diminuir a idade média a que os eventos ocorrem, nomeadamente a saída de casa dos pais, e a substituir lógicas rurais (baseadas em tradições sobre a propriedade das terras, em trocas interrelacionais) que juntamente com obrigações morais para com membros da família mais velhos, impediam ou desaconselhavam a saída de casa em décadas anteriores. Esta é a principal tendência ao longo do tempo. As curvas diacrónicas dos homens e das mulheres são praticamente paralelas, evidenciando que, independentemente do momento histórico, as mulheres saem sempre mais cedo de casa dos pais.

Figura 1. Percentagem de indivíduos que não saíram de casa dos pais até aos 30 anos de vida, ao longo do tempo por sexo

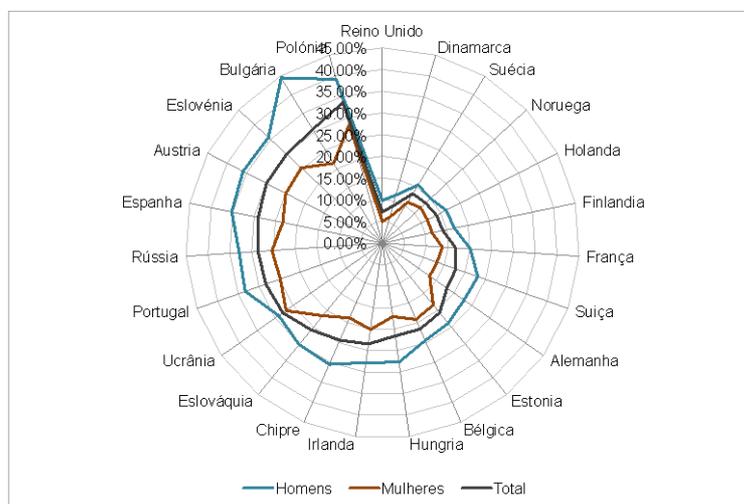


Fonte: ESS 2006, Nico 2011

A saída mais precoce das mulheres de casa dos pais é não só transversal aos vários momentos históricos como também aos vários países europeus considerados. Assim, ao longo do espaço europeu, tendo em conta toda a população (figura 2), observamos

igualmente que as mulheres saem mais cedo do que os homens, em todos os países. À exceção da Ucrânia, os países em que a saída de casa dos pais é mais tardia são também aqueles em que a diferença entre os géneros é maior, que é o caso de Portugal. Como se verá mais adiante, a diferença entre os sexos num mesmo país e a diferença entre médias de saída de casa dos vários países estão intimamente relacionadas com as diferenças no destino, conjugal ou não, nessa saída. Esta relação entre os países intensifica-se quando consideramos apenas as gerações mais jovens.

Figura 2. Percentagem de indivíduos que não saíram de casa dos pais até aos 30 anos de vida, por países e por sexo



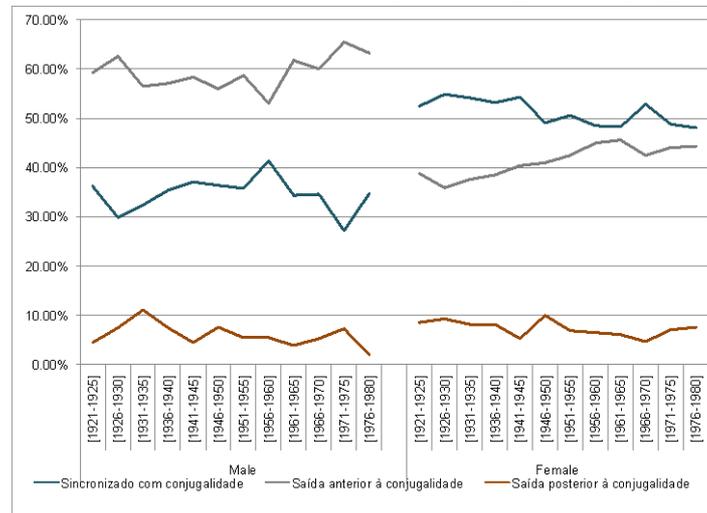
Fonte: ESS 2006, Nico 2011

Como exposto anteriormente, o destino de saída de casa dos pais no momento da primeira saída é um dos factores de explicação da variabilidade da idade média entre os países europeus. Dadas as limitações dos dados do ESS 2006, que não são verdadeiramente longitudinais e que não facultam informação sobre o motivo ou o contexto desta primeira saída de casa dos pais, a hipótese de variabilidade acima indicada é explorada através da co-ocorrência (temporal) da saída de casa dos pais com o casamento e com a união de facto. O casamento, e especialmente a união de facto, tende a antecipar a saída de casa dos pais, no caso das mulheres, que entram mais cedo do que os homens nos papéis conjugais (Bozon, 1990).

Um rápido olhar à figura 3 permite desde logo confirmar que as mulheres têm tido, ao longo das últimas décadas e ao nível europeu, saídas de casa

predominantemente conjugais, ao contrário do que sucede com os homens. Tal poderá explicar grande parte das diferenças de *timing* na saída de casa dos pais entre os sexos.

Figura 3. Destino na saída de casa dos pais ao longo do tempo, por sexo



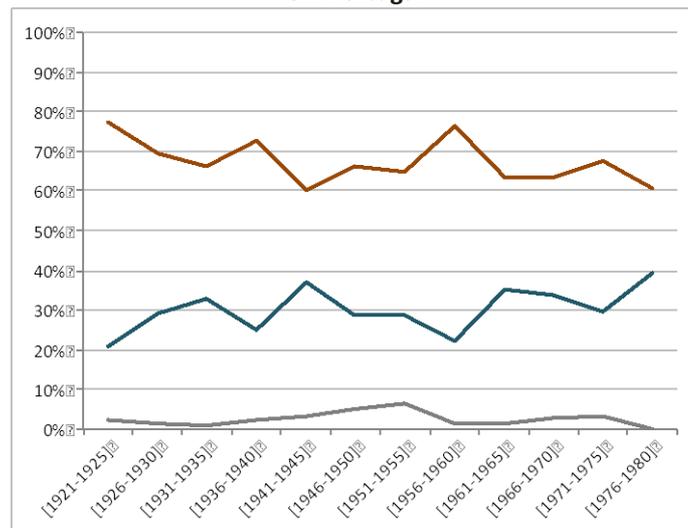
Fonte: ESS 2006, Nico 2011

Em Portugal, a diferença entre homens e mulheres é muito visível a este nível, não obstante se observar recentemente alguma convergência (figura 4). Em suma: a saída pela via conjugal é mais predominante entre as mulheres do que entre os homens e as mulheres tendem a fazer as transições para a conjugalidade em idades mais precoces do que as dos homens. É de sublinhar, porém, que os tipos de saída de casa dos pais entre homens e mulheres quando analisada na europa como um todo, tendem a ficar cada vez mais homogêneos, o que se pode explicar e confirmar pela convergência na sequência dos acontecimentos de transição para a vida adulta, apresentada de seguida.

Deste modo, relativamente ao ritmo de saída de casa dos pais, a “biografia normal” era caracterizada pelo duplo padrão, do feminino e do masculino, com homens e mulheres com papéis e destinos sociais distintos e complementares (Thomson, 2007: 86). Desde a segunda metade do século XX, porém, as mulheres tendem a passar por todos os eventos de transição para a vida adulta (terminar a educação, sair de casa, viver de forma independente, casamento, nascimento do

primeiro filho, etc.) em *timing* e ritmo cada vez mais idênticos ao dos homens (Furstenberg, 2002: 662). As “biografias padrão” eram, então, muito mais *genderizadas* do que as actuais (Henderson et al., 2009 [2007]: 23), especialmente no que se refere ao papel da mulher e do homem no mercado de trabalho (Blatterer, 2009 [2007]: 15).

Figura 4. Tipo de sincronização com conjugalidade na saída de casa dos pais dos ao longo do tempo em Portugal



Fonte: ESS 2006, Nico 2011

A seqüência dos acontecimentos

A existência, significado e robustez de um putativo processo de *desestandardização* do curso de vida têm sido aspectos questionados na literatura nos últimos 20 anos. A questão da frequência e significado social deste processo é ainda actual, mesmo que o debate tenha alterado os termos, conceptuais ou sociais, em que se realiza. Há vinte anos estas questões discutiam-se em torno dos conceitos de “ordem” e de “desvio.” Esta ideia, de que falar de “ordem” (norma) implicaria falar de “desordem” (desvio), foi sendo posteriormente questionada (Elder e O’Rand, 2009: 440). Assim, a *desestandardização* deixou de ser encarada nesta visão dicotómica e passou a ser associada à teoria da individualização. É assim também porque atualmente “não existe um único padrão de transição que seja legitimamente declarado de ‘normativo’, seja

estatística seja culturalmente” (Dannefer, 2002: 652). Devido à confusão conceptual que se estabeleceu relativamente ao conceito de *desestandardização* (com o de individualização, pluralização, diferenciação, etc.) alguns autores defendem que a análise das várias manifestações da *desestandardização* do curso de vida se deve fazer separadamente (Brückner e Mayer, 2004).

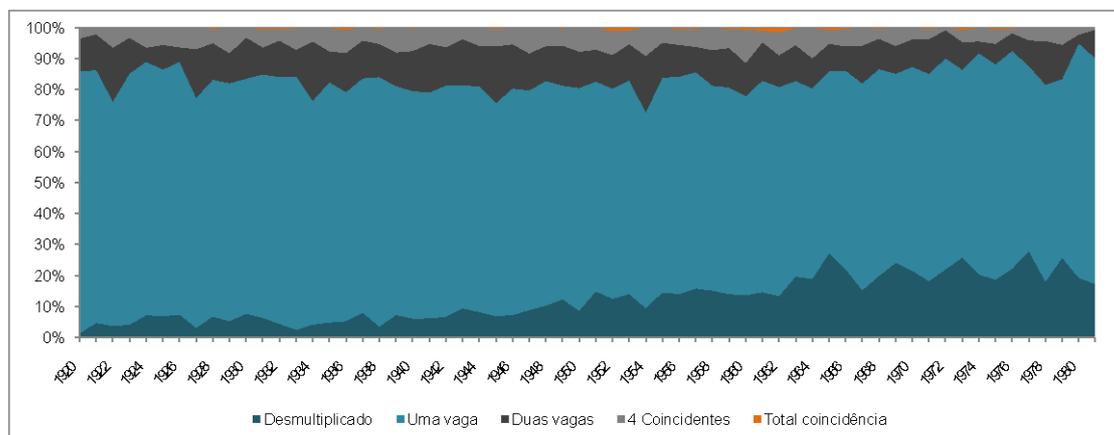
Seguindo-se estes conselhos, e descentrando a atenção da idade média da saída de casa dos pais para a colocar no lugar que este evento ocupa na sequência das várias transições para a vida adulta, procedeu-se uma análise de sequências dos acontecimentos chave para a vida adulta, usando estratégias alternativas e mais teórica do que estatisticamente orientadas (como as são as de *sequence analysis*). Seguiu-se a estratégia de codificação de Mouw (2005) e a lógica de interpretação de Hogan (1978). Tanto a lógica de codificação como a lógica de interpretação seguem critérios de comparação com a matriz previamente preparada, aquela que se supõe ser a normativa, identificando e caracterizando os desvios à mesma.

A análise das co-ocorrências (variável aqui tratada como nominal) permite-nos desde já tirar duas grandes conclusões: uma refere-se (i) à expressão percentual da categoria modal, a de “uma vaga” (dois ou três eventos ocorreram no mesmo ano, sem os restantes terem ocorrido num outro ano); a outra refere-se (ii) ao estável crescimento, ao longo do tempo mas diferenciadamente pelos países, da categoria das transições desmultiplicadas – aqui em azul mais escuro.

i) A análise da expressão percentual da categoria modal indica que há relações de associação ou, se se preferir, de provável co-causalidade muito fortes em pares ou trios de eventos ou “conjoint events” (Hullen, 2000). Mas de que pares e trios se tratam? E como se distribuem? Antes de mais, é de referir são residuais os casos de uma vaga de transições em que o par ou o trio de eventos não reflitam a ordem de referência. Assim, o que esta categoria reflete desde já é a normatividade das sequências. São dois os principais pares e trios que compõem esta categoria da “coinjoint events” e ambos sublinham a importância da carreira habitacional e de formação familiar no estudo das mudanças sociais: Um deles consiste na coincidência temporal entre a primeira saída de casa dos pais, primeira coabitação e casamento, e

corresponde aos jovens que “saem de casa para casar”. O restante consiste na coincidência temporal da coabitação e do casamento mas descoincidência com a primeira saída de casa dos pais, e corresponde, portanto, aos que “saem de casa para estudar” . Este perfil é mais frequente entre os homens, enquanto que o anterior é mais predominante nas mulheres, que apresentam grosso modo uma maior interdependência entre os vários acontecimentos transicionais para vida adulta.

(por ano de nascimento dos inquiridos)

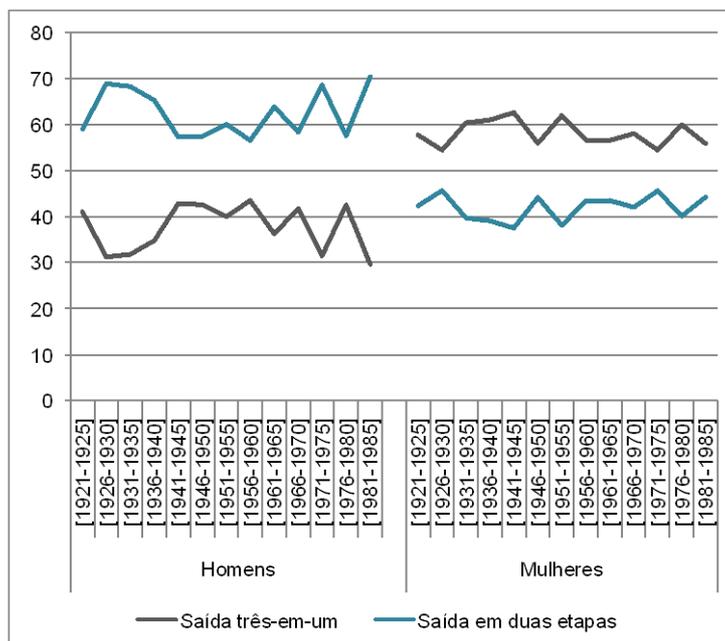


Fonte: ESS 2006, Nico 2011

No entanto, do ponto de vista diacrónico (figura 6), verifica-se que até aos nascidos nos anos 80, estes dois perfis tinham percentagens idênticas e que a partir daquela década o modelo dos que “saem de casa para casar” começou a diminuir. Esta diminuição, que por sua vez consiste numa conversão gradual das “biografias normais” nas “biografias de escolha” fez-se às custas das diferenças de género que se começaram a esbater.

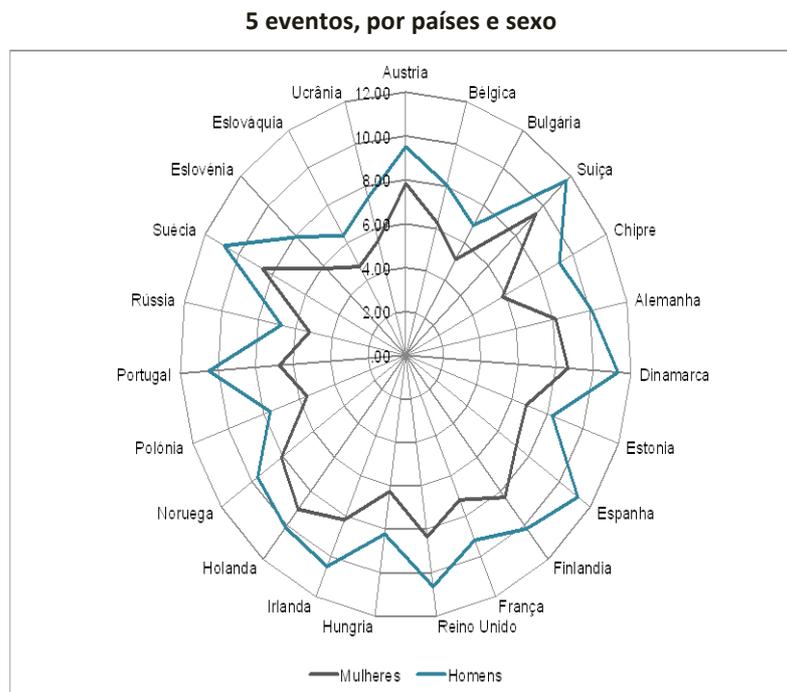
Figura 6.

-em-um e da saída em duas etapas (face ao total da sua soma) ao longo do tempo por sexo



Fonte: ESS 2006, Nico 2011

Já relativamente às diferenças de género de amplitude entre o tempo em que a primeira e a última transição ocorreram (para quem já passou por 4 ou mais transições) são bastante evidentes e transversais aos vários países europeus considerados. As mulheres tendem a demorar menos tempo do que os homens a passar pelas quatro ou cinco transições. Tal sucede porque três, e eventualmente quatro destas transições (coabitação, casamento, nascimento do primeiro filho e eventualmente a saída de casa dos pais), estão relacionadas com transições familiares. A diferença de idade entre homens e mulheres na entrada destes papéis tende a provocar efeitos nesta tendência. Se relativamente ao trabalho, os *timings* dos homens e das mulheres são muito idênticos, o mesmo não sucede nas esferas privadas, onde as mulheres são mais “rápidas” do que os homens e, por esse motivo, a distância entre as trajetórias dos homens e das mulheres é maior (Brückner e Mayer, 2004).

Figura 7.


Fonte: ESS 2006, Nico 2011

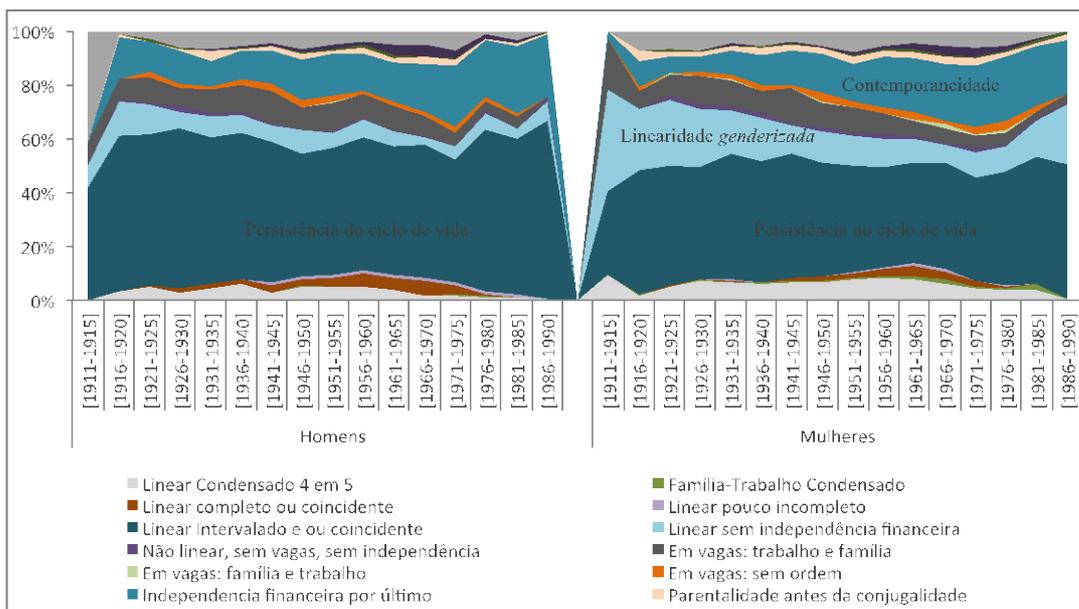
Por fim, uma análise dos vários tipos de cursos de vida (e das sequências de acontecimentos de transição para a vida adulta ao nível da europa) e da sua evolução ao longo do tempo permite-nos concluir que as grandes mudanças nas sequências das transições para a vida adulta fizeram-se às custas, e com grandes benefícios e conquistas no âmbito da igualdade de género, das mulheres. São dois os percursos que mais se distinguem na figura 8: um destes modelos transicionais representa a contemporaneidade e o outro a “normalidade” das biografias. Um consiste nos cursos de vida em que a autonomia profissional, seja por que formato for, ocorre depois da experiência habitacional, o que por sua vez supõe apoio financeiro por parte dos pais ou por parte do Estado (nomeadamente para estudar), características da contemporaneidade (nomeadamente de Estados Providência mais generosos); o segundo (ii) pelo segundo entende-se os cursos de vida em que a ordem linear (crescente neste caso) foi respeitada (desmultiplicada ou coincidente), mas sem ter ocorrido a experiência profissional. Este modelo de transição é considerado linear mas feminino, e representa a biografia “normal” *genderizada*, caracterizada pela não

participação da mulher no mercado de trabalho e pela sua exclusiva dedicação ao espaço privado-doméstico. A transição de jovem a mulher ocorria, assim, apenas pela transição no espaço privado. É, então, evidente a forma como, com saliente relevância no caso das mulheres, um aumento ocorre quase na ordem da diminuição do outro.

Assim, de forma idêntica mas mais consistente do que a dos homens, a independência posterior à autonomia habitacional nos cursos de vida das mulheres tem vindo a ser cada vez mais frequente, por via da entrada massiva e massificada das mulheres no Ensino Superior. Já o percurso “linear sem independência financeira”, que sempre foi escasso nos cursos de vida dos homens, começa a escassear também nos cursos de vida das mulheres, como sinal da sua entrada e permanência no mercado de trabalho.

Se se olhar então para estes dois cursos de vida, dos homens e das mulheres, é de retirar duas conclusões: por um lado, a de que atualmente os cursos de vida dos homens e das mulheres se distribuem de forma muito idêntica pelos vários modelos e; por outro, a de que esta aproximação não foi feita a meio caminho, isto é, por mudanças ocorridas nos cursos de vida dos homens e nos cursos de vidas das mulheres, mas sim quase exclusivamente nos cursos de vida das mulheres.

Figura 8. Tipologia do curso de vida até aos 35 anos por sexo ao longo do tempo



Sincronização das esferas da vida: *amor e uma cabana?*

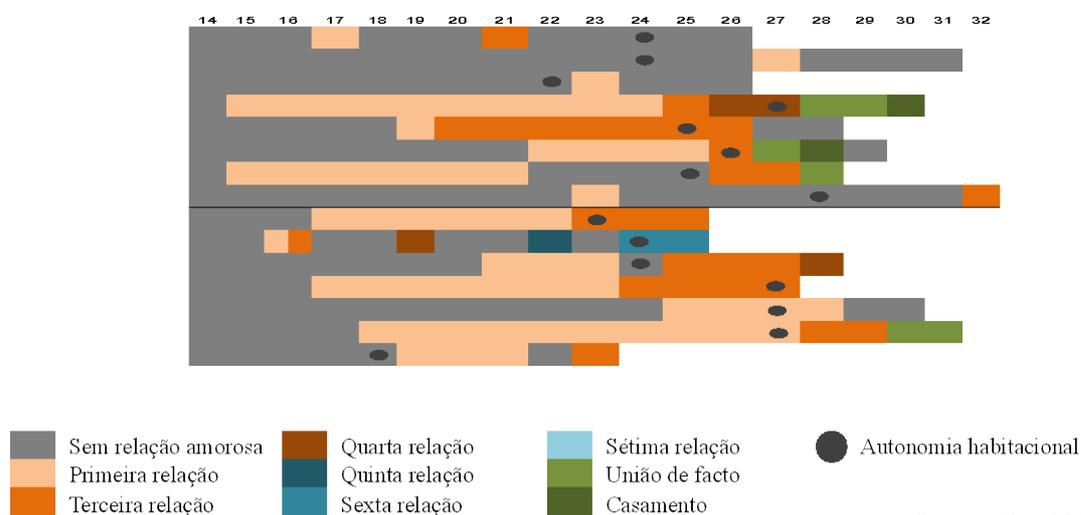
A importância do destino - conjugal ou não conjugal- na saída de casa dos pais para explicar a heterogeneidade entre gerações ou entre países pôde ser confirmada no nível macro sociológico. Mas esse momento de saída é igualmente resultado de uma sincronização de várias trajetórias de vida, ao longo do tempo individual. Para abordar estas questões de sincronização das várias esferas de vida usou-se, como já enunciado na tabela acima, os dados recolhidos pelos calendários de vida, numa abordagem que tendeu a tratar a trajetória habitacional como variável dependente. Abordaram-se, para esse efeito, as trajetórias e orientações para o tipo de ocupação da casa e para a conjugalidade.

Esta análise permitiu concluir que a grande distinção de tipos de sincronização do momento da saída de casa está incorporada em questões de género e se relaciona com as trajetórias amorosas. Entre os jovens que saíram de casa sem ser por via da conjugalidade (figura 9), verifica-se um maior número de relações amorosas, um maior número de interrupções superiores a 12 meses, uma idade média de saída de casa menos elevada, uma muito maior predisposição para o arrendamento. No caso das mulheres, é visível uma maior sincronização com o fim das relações amorosas, que tendem a reagir a esta ruptura reformulando os seus projetos de vida e antecipando, dessa forma, uma saída de casa (Nico, 2012b). No caso dos homens, a saída de casa não conjugal é mais pautada por uma sincronização com inícios ou mudanças de entradas no ensino superior ou no mercado de trabalho.

Assim, no caso das mulheres as saídas de casa são, por princípio e por excelência, vistas como transitórias e temporárias e, por esse motivo, não se consubstanciam na compra de uma casa. Os motivos relacionados com as saídas estão, também mais relacionados, do que no caso dos homens, com a conquista de autonomia habitacional dos pais e com o conceito de “independência” do quotidiano e do lazer. No caso dos homens, a saída de casa por via não conjugal está muito menos

associada à conjugalidade (mesmo que ao fim) e mais associada à transição entre escola-trabalho e entre trabalhos. Sendo mais consequência da esfera profissional do que da esfera amorosa ou conjugal, a saída de casa dos pais é mais vezes consequência da maior facilidade de acesso ao crédito e, por esse motivo, mais vezes direccionada à compra da casa do que no caso das mulheres. Desta forma, para as mulheres especialmente, a fórmula que faz mais sentido é “independência e uma cabana”. Para satisfazer essa necessidade de independência, o mais “frágil” vínculo ao mercado de trabalho, o arrendamento, é não só suficiente como o mais adequado.

Figura 9: Trajetórias amorosas dos jovens adultos que saíram de casa pela primeira vez sem ser por via conjugal



Fonte: Nico 2011

Por outro lado, entre os jovens que saíram de casa por via da conjugalidade, verifica-se um menor número de relações amorosas, um menor número de interrupções amorosas superiores a 12 meses, uma mais elevada duração média das relações amorosa, uma idade média de saída de casa mais elevada, uma maior predisposição para a compra de casa própria (mais elevada ainda no caso do casamento do que no caso da união de facto).

A análise das trajetórias amorosas prévias ao momento da saída de casa sincronizado com a entrada na conjugalidade, confirma que este momento de transição reflete não apenas o aumento do acesso ao crédito à habitação

(proporcionado pelos dois rendimentos dos cônjuges) mas reflete um padrão de relacionamento amoroso, que vem a desenrolar-se ao longo da adolescência e da juventude. Este padrão de relacionamento amoroso caracteriza-se pela longevidade das relações, por um lado, e pela rapidez dos intervalos entre relações, por outro. Estar numa relação amorosa é, portanto, a regra, e a ausência de relação amorosa é a fugaz exceção. Não obstante, a centralidade da relação e da conjugalidade que está no seu horizonte continua a ser holística.

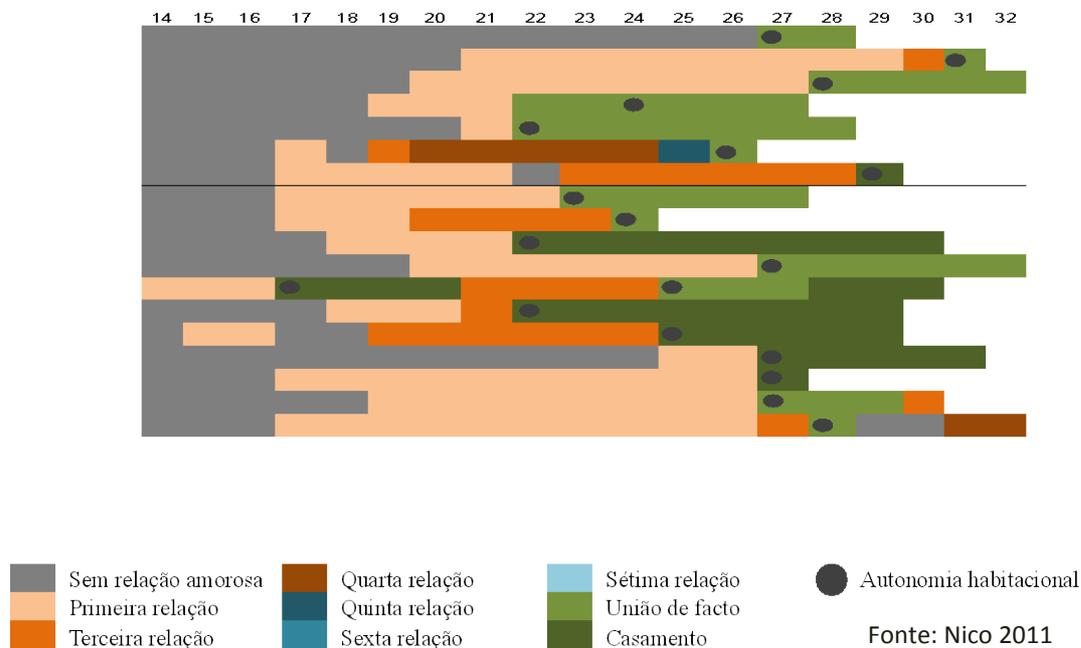
Torres (2002b) identifica três tipos de conjugalidade (vívida): a institucional, a fusional e a associativa. Mas estes três “estilos conjugais” podem ser identificados também como orientações para a conjugalidade (futura), que precedem a entrada na união de facto e que influenciam a sincronização da saída de casa dos pais com esta entrada. Estas “orientações para a conjugalidade” (mutáveis, é certo) são visíveis nas relações amorosas não coabitantes e estão, portanto, omnipresentes no calendário de vida mais geral.

Se no grupo anterior, a maioria dos jovens tem ou frequenta o ensino superior, o que se reflecte numa menor dispersão da idade a que saem de casa, isto é, a uma maior institucionalização do curso de vida por via da massificação do ensino superior; neste conjunto de jovens é a ausência de curso superior que predomina o que, por sua vez, acaba por causar uma maior *desestandardização* no *timing* da saída de casa, apesar das relações amorosas serem mais lineares e as interrupções e rupturas terem menos efeitos.

Algumas características de estandardização do curso de vida relacionadas com a idade aproximada a que se sai do ensino superior e com o padrão de relacionamento amoroso (poucas relações, grandes durações, curtas interrupções) resultam precisamente em cursos de vida mais lineares (sem grandes interrupções nem recuos no curso de vida) e normativos (respeitando a ordem mais ou menos estabelecida entre as várias transições para a vida adulta). Esta relação de causa-efeito é especialmente visível nas mulheres. Além disso, neste conjunto de jovens, a forma como a conjugalidade marca o ritmo das restantes transições para a vida adulta é

acompanhada pela preferência pela compra de casa. Caso para dizer que, nestes casos, e novamente especialmente nas mulheres, a fórmula é “amor e casa própria”.

Figura 10: Trajetórias amorosas dos jovens adultos que saíram de casa pela primeira vez por via conjugal



Uma nota final sobre as mulheres como protagonistas dos principais processos de sincronização de trajetórias de conjugalidade e de saída de casa. As diferenças de género demonstradas pelos perfis de sincronização entre trajetórias amorosas e conquista de autonomia habitacional e em especial a forma como as mulheres apresentam as características mais extremadas em ambos os casos, de sincronização e de des-sincronização da saída de casa com a conjugalidade, indicam que as mulheres não só ocupam papéis de protagonismo nos processos de mudança social como, são, simultaneamente, as mais resistentes, ou as que encontram mais resistências, à mudança social.

As mulheres personificam dois “tipos ideais” (Weber) opostos, o que é representado pelas mulheres que saem de casa em reação improvisada de um acontecimento inesperado, recorrendo a soluções temporárias para a autonomia habitacional, por um lado, e o que é representado pelas mulheres as que tentam reunir as condições necessárias para sair de casa através do casamento e da compra da

casa, por outro. Ao fazê-lo, estas jovens adultas incorporam o argumento de que os “estilos biográficos” (Thomson, 2009) mais do que se substituem, co-existem (Nico, 2011).

Conclusões

As diferenças de género durante o período e o processo das transições para a vida adulta são muito marcadas, ou não fosse este o período mais *genderizado* do desenvolvimento humano, segundo Kimmel (2008). Neste artigo, resultado de uma pesquisa mais lata sobre as transições para a vida adulta na Europa e em Portugal (Nico, 2011), deu-se destaque a estes efeitos de género bem como a uma das mais importantes transições para a vida adulta: a saída de casa dos pais. Este destaque, dado através de diferentes camadas analíticas - o *timing* da saída, a sequência dos acontecimentos e a sincronização das trajetórias de diferentes esferas da vida - foi, de certa forma, imposto pelos próprios dados, na medida em que os efeitos de género foram dos que mais marcaram a estratificação social das transições para a vida adulta do século XX, efeitos esses verificados tanto a nível macro (âmbito europeu, dados representativos, perspectiva quantitativa) como a nível micro (âmbito restrito e nacional, dados e perspectiva qualitativa).

“A mudança de escala de observação permite esboçar uma outra imagem do mundo social” (Lahire, 2005: 29). De facto, a pluralidade de métodos e técnicas usados para recolher e sobretudo tratar a informação, por um lado, e o olhar sempre que possível diacrónico (histórica ou individualmente), por outro, ao mesmo tempo que dificultam um eventual veredicto sobre atuais processos de convergência ou de divergência dos padrões de cursos de vida dos homens e das mulheres (durante o período da vida considerado), também o informam acerca da complexidade e heterogeneidade (no tempo, no espaço e por camada analítica) dos efeitos de género no processo de saída de casa dos pais.

No que se refere ao *timing*, as conclusões são claras. A tendência para as mulheres saírem de casa dos pais mais cedo do que os homens é transversal a todos os países da amostra e a todas as unidades geracionais consideradas. A diferença entre o

timing das mulheres e o dos homens é maior em países onde a média geral da idade a que se sai de casa é também mais elevada, e onde a predominância da saída de casa dos pais para entrada na conjugalidade (casamento ou união de facto), face à saída anterior à entrada na conjugalidade (para estudar fora da residência habitual ou para entrar num mercado de trabalho que exija de certa forma essa migração) é mais marcada. Este é, por exemplo, o caso de Portugal. Neste país, a idade média de saída, a diferença de género nesta matéria e a predominância da saída de casa pela entrada na conjugalidade, é muito elevada face aos restantes países europeus considerados. Mas uma análise diacrónica deste indicador revela já evidências de alguma convergência, de *timing* e de formato (conjugal ou não) da saída, entre homens e mulheres (Thomson, 2007; Furstenberg, 2002; Henderson *et al.*, 2009 [2007]; Blatterer, 2009 [2007]), como aliás se confirma com a análise de outra camada analítica, a sequência dos acontecimentos.

A análise da sequência dos acontecimentos, e do lugar que a saída de casa dos pais ocupa permite verificar uma maior normatividade das sequências dos acontecimentos chave para a vida adulta entre as mulheres, bem como uma maior interdependência entre eles. Mais uma vez, se detivermos a atenção neste indicador mas de uma forma diacrónica, resistindo “à tentação de produzir normatividades a-históricas” (Almeida, 2007: 14), verificamos que apesar destas diferenças de género, há também no que se refere a alguns aspectos da sequência dos acontecimentos, um processo visível de convergência entre os padrões de cursos de vida das mulheres e dos homens. Assim, a perda de importância percentual das sequências “normativas” produz uma convergência entre as trajetórias dos homens e das mulheres (Brückner e Mayer, 2005). Como referem Aboim, Vasconcelos e Neves, “a alteração e fragmentação normativa dos modelos de género é cúmplice da deslinearização dos cursos de vida (...)” (2011: 60). Porém, continua a existir uma interdependência entre os eventos, sobretudo os familiares, e uma maior coincidência temporal entre estes no caso das mulheres do que no caso dos homens. Tal é consequência dos percursos familiares, tal como se confirma pela mais elevada percentagem das mulheres no modelo de transição habitacional-amorosa “três-em-um”. Como refere Brückner e

Mayer, a referida convergência faz-se por via dos percursos profissionais e do mercado de trabalho e não dos percursos familiares, onde permanecem as diferenças entre as trajetórias dos homens e das mulheres (2005:48).

Por fim, só uma análise com objectivos compreensivo-explicativos, permitiria analisar, e chegar a conclusões, acerca da importância da conjugalidade, enquanto realidade vivida e enquanto orientação (alterável ao longo do tempo individual). De facto, pela análise da sincronização das trajetórias habitacionais com as trajetórias conjugais chegou-se à ideia de “especificidade da individualização feminina” de que fala Thomson (2009), na medida em que para as mulheres, as trajetórias conjugais, as orientações para determinados tipos de conjugalidade e as rupturas amorosas exercem um efeito muito mais de “uma espécie de mola impulsadora da ação, uma força que, no quadro dos valores das sociedades contemporâneas tem o poder suficiente para criar, em sentido real, novas relações sociais” (2004b: 18) do que no caso dos homens. Tal é visível não apenas na forma como as trajetórias habitacionais são determinadas pelas relações amorosas e pelas entradas na conjugalidade (as mulheres mais a tendem a sair de casa apenas para a concretização deste objectivo) como na forma como as rupturas amorosas exercem (também mais entre as mulheres), um impacto importante e concreto de reformulação e redireccionamento do curso de vida, nomeadamente no que se refere à antecipação da saída de casa dos pais.

Bibliografia

Almeida, João Ferreira de (2007), “Velhos e Novos Aspectos da Epistemologia das Ciências Sociais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 55, pp. 11-24.

Torres, Anália (2004) “Amor e Ciências Sociais”, *Revista Travessias*, pp. 15.

Aquilino, William S. (1991), “Family Structure and Home-Leaving: A Further Specification of the Relationship”, *Journal of Marriage and the Family*, vol. 53 (4), pp. 999-1010.

Billari, Francesco C. (2004), “Becoming an Adult in Europe: A Macro(/Micro)-Demographic Perspective”, *Demographic Research*, Special Collection 3, pp. 15-44.

Blatterer, Harry (2009 [2007]), *Coming of Age in Times of Uncertainty*, New York, Berghahn Books.

- Bozon, Michel (1990) “Les Femmes et l’écart d’âge entre conjoints. Une domination consentie”, *Population*, 2, p. 327-360.
- Bradley, Harriet (2003 [1996]), *Fractured Identities: Changing Patterns of Inequality*, Cambridge, Polity Press.
- Bras, Hilde e Jan Kok (2004), “‘Naturally, Every Child Was Supposed to Work’: Determinants of the leaving Home Process in the Netherlands”, em Poppel, Frans van, Michel Oris e James Lee (Eds.), *The Road to Independence. Leaving Home in Western and Eastern Societies, 16th-20th centuries*, Bern, Peter Lang European Academic Publishers.
- Bras, Hilde, Aart C. Liefbroer e Cees H. Elzinga (2010), “Standardization of Pathways to Adulthood? An analysis of Dutch Cohorts Born Between 1850 and 1900”, *Demography*, vol. 47 (4), pp. 1013-1034.
- Breschi, Marco e Matteo Manfredini (2004), “Leaving the Family. Departures from the household in an Italian Rural Context during the Nineteenth-Century”, em Poppel, Frans van, Michel Oris e James Lee (Eds.), *The Road to Independence. Leaving Home in Western and Eastern Societies, 16th-20th centuries*, Bern, Peter Lang European Academic Publishers.
- Brückner, Hannah e Karl Ulrich Mayer (2005), “De-Standardization of the Life Course: what it might mean? And if it means anything, whether it actually took place?”, *Advances in Life Course Research*, vol. 9, pp. 27-53.
- Cherlin, Andrew J., Eugenia Scabini e Giovanna Rossi (1997), “Still in the Nest. Delayed Home Leaving in Europe and the United States”, *Journal of Family Issues*, vol. 18 (6), pp. 572-575.
- Côté, James (2000), *Arrested Adulthood. The changing nature of maturity and identity*, New York, New York University Press.
- Dannefer, Dale (2002), “Toward a Global Geography of the Life Course: Challenges of Late Modernity for Life Course Theory”, em Mortimer, Jeylan T. e Michael J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the Life Course*, New York, Kluwer Academic Publications.
- Derosas, Renzo (2004), “A family Affair. Marriage, Mobility, and Living Arrangements in Nineteenth-century Venice, 1850-1869”, em Poppel, Frans van, Michel Oris e James Lee (Eds.), *The Road to Independence. Leaving Home in Western and Eastern Societies, 16th-20th centuries*, Bern, Peter Lang European Academic Publishers.
- Elder, Glen H. e Angela O’Rand (2009), “Adult Lives in a Changing Society”, em Heinz, Walter, Johannes Huinink e Ansgar Weymann (Eds.), *The Life Course Reader: Individuals and Societies Across Time*, Frankfurt, Campus Verlag.
- Furlong, Andy (Ed.) (2009), *Handbook of Youth and Young Adulthood. New Perspectives and Agendas*, New York, Routledge.
- Furstenberg, Frank (2002), “Reflections on the Future of the Life Course”, em Mortimer, Jeylan T. e Michael J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the Life Course*, New York, Kluwer Academic Publications.

- Goldscheider, Frances (2000), "Why study young adult living arrangements? A view of the second demographic transition", Paper apresentado no Workshop *Leaving Home: an European Focus*, no Max Planck Institute for Demographic Research, 6 a 8 de Setembro de 2000, Rostock, Alemanha.
- Goldscheider, Frances e Calvin Goldscheider (1999), *The Changing Transition to Adulthood. Leaving and Returning Home*, London, Sage.
- Guerrero, Teresa Jurado (2001), *Youth in Transition: Housing, Employment, Social Policies and Families in France and Spain*, Hampshire, Ashgate.
- Hareven, Tamara K. e Kathleen Adams (2004), "Leaving Home: Individual or Family Strategies", em Poppel, Frans van, Michel Oris e James Lee (Eds.), *The Road to Independence. Leaving Home in Western and Eastern Societies, 16th-20th centuries*, Bern, Peter Lang European Academic Publishers.
- Heath, Sue e Elisabeth Cleaver (2003), *Young, Free and Single? Twenty-somethings and Household Change*, New York, Palgrave MacMillan.
- Henderson, Sheila, Janet Holland, Sheena McGrellis, Sue Harper e Rachel Thomson (2009 [2007]), *Inventing Adulthoods. A Biographical Approach to Youth Transitions*, London, Sage.
- Hogan, Dennis P. (1978), "The Variable Order of Events in the Life Course", *American Sociological Review*, vol. 43 (4), pp. 573-586.
- Hullen, Gert (2000), "Measures of leaving the parental home", Workshop *Leaving Home – a European Focus*, Max Planck Institute for Demographic Research, 6 a 8 de Dezembro de 2000, Rostock. Disponível em: http://www.demogr.mpg.de/Papers/workshops/000906_paper08.pdf, (acedido em 18 de Novembro de 2010).
- Iacovou, Maria (2001), "Leaving Home in the European Union", Working Paper 2001-18 of the Institute for Social and Economic Research, Colchester, University of Essex. Disponível em: http://www.iser.essex.ac.uk/files/iser_working_papers/2001-18.pdf (acedido em 12 de Maio de 2011).
- Jones, Gill e Claire Wallace (1992), *Youth, Family and Citizenship*, Buckingham, Open University Press.
- Kimeel guyhood 2008
- Kurz, Karin e Hans-Peter Blossfeld (2004b), "Summary and Conclusions", em Kurz, Karin e Hans-Peter Blossfeld (Eds), *Home Ownership and Social Inequality in Comparative Perspective*, California, Stanford University Press.
- Lahire, Bernard (2004 [2002]), *Retratos Sociológicos. Disposições e Variações Individuais*, Porto Alegre, Artmed.

- Lobo, Cristina (2005), "Famílias Recompostas. Revisitar a produção americana (1930-2000)", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 48, pp. 91-114.
- Mitchell, Barbara A. (2007 [2006]), *The Boomerang Age: Transitions to Adulthood in Families*, New Jersey, Transaction Publishers.
- Mouw, Ted (2005), "Sequences of Early Adult Transitions: A look at Variability and Consequences", em Settersten Jr., Richard A., Frank F. Furstenberg Jr. e Rubén G. Rumbaut (Eds.), *On the Frontier of Adulthood*, Chicago, Chicago Press.
- Mulder, Clara H. (2003), "The Housing Consequences of Living Arrangement Choices in Young Adulthood", *Housing Studies*, vol.18 (5), 703-719.
- Mulder, Clara H. (2009), "Leaving the Parental Home in Young adulthood", em Furlong, Andy (Ed.), *Handbook of Youth and Young Adulthood. New Perspectives and Agendas*, New York, Routledge.
- Nico, Magda (2011), *Transição Biográfica Inacabada. Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspectiva do Curso de Vida*, Tese de Doutoramento, Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, policopiado.
- Nico, Magda (2012), *Transições para a vida adulta em Portugal: para além da ilusão cultural*, Le Monde Diplomatique- Edição Portuguesa, Abril.
- Nico, Magda (2012b), "Partidas, Largadas, Fugidas. Uma análise da saída de casa dos pais a partir dos pontos de viragem amorosos", Acta de Conferência, Secção Família e Género, Congresso APS 2012, Porto.
- Nico, Magda, (2011b), "O mix dos factores culturais e institucionais nas transições para a vida adulta nos países do Sul da Europa: "benção" analítica ou maldição política?", paper apresentado no Colóquio Olhares sobre os jovens em Portugal: saberes, políticas, acções, , Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2 de Junho de 2011, Lisboa. Brevemente disponível no site do Observatório Permanente da Juventude Nico 2012
- Oliveira, Luísa e Helena Carvalho (2010), *Regulação e Mercado de Trabalho*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Schoeni, Robert F. e Karen E. Ross (2005), "Material Assistance from Families during the Transition to Adulthood", em Settersten Jr., Richard A., Frank F. Furstenberg Jr. e Rubén G. Rumbaut (Eds.), *On the Frontier of Adulthood*, Chicago, Chicago Press.
- Thomson, Rachel (2007), "Chapter 3. A biographical perspective", em Kehily, Jane Mary, *Understanding youth: perspectives, identities and practices*, London, Sage e Open University Press.
- Thomson, Rachel (2009), *Unfolding Lives: Youth, gender and change*, Bristol, Polity Press.
- Widmer, Eric D. e Gilbert Ritschard (2009), "The standardization of the life course: Are men and women equal?", *Advances in Life Course Research*, vol.14, pp. 28-39.